

**Se não fosse a vida, seria um filme:
Antônio Carlos de Sena**

Paulo Balardim

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Florianópolis



Dona Odila e Antônio Carlos de Sena (1999). Foto de José Luiz de Sena.



Cantor Maluco e músicos (1959). TIM - Teatro de Marionetes . Foto de Fred Ruschel.



Palhaço Pirulito, mestre-de-cerimônias (1961).
TIM - Teatro de Marionetes. Foto de Fred Ruschel.

Resumo: Antônio Carlos de Sena, diretor do grupo Tim – Teatro de Marionetes, de Porto Alegre, RS, conta a história de seu grupo, surgido na década de 1950 e ainda em atividade. Através de seu relato, é possível perceber não apenas o contexto sociopolítico de uma época na qual o Teatro de Bonecos começou a surgir no Brasil, mas também compreender um pouco das motivações que mobilizaram os artistas a se organizarem associativamente.

Palavras-chave: História do Teatro de Bonecos. Antônio Carlos de Sena. Grupo TIM – Teatro de Marionetes.

Abstract: Antônio Carlos de Sena, director of TIM – Marionette Theater, Porto Alegre, Rio Grande do Sul State, tells the story of his group, formed in the 1950's, and still active. His narration makes it possible to perceive not only the sociopolitical context of that period in which the puppet theater starts to emerge in Brasil, but also to understand some of the motivation that mobilized the artists to get organized in an effective manner.

Keywords: Puppet Theater History. Antonio Carlos de Sena. Grupo TIM – Marionette Theater.

Antônio Carlos de Sena, herdeiro de uma tradição familiar oriunda de sua mãe, a dona Odila de Sena (1913–2007), fundadora do TIM – Teatro Infantil de Marionetes, orgulha-se em afirmar, e com toda razão, que o seu grupo é o grupo mais antigo em atividade no Brasil. O grupo surgiu em Porto Alegre, RS, em 1954. Mantém em seu acervo os bonecos originais, relicários de um período emergente do Teatro de Bonecos brasileiro. O TIM, em seu repertório,

possui mais de oitenta textos criados por eles para bonecos, já encenados no teatro e na televisão¹. Suas apresentações são compostas de pequenos números variados de música, folclore, circo, humorismo e dança, totalmente apresentados com bonecos de fios.

A companhia, que comemorou em 2014 seus sessenta anos, atua hoje unindo três gerações de bonequeiros, mantendo viva uma paixão difícil de ser compreendida por quem não possui os dedos calejados com o uso dos bonecos nem a língua afiada com as vivências trazidas de viagens. O amor à arte, à família e aos amigos, amalgamado ao labor na prática profissional e à generosidade em compartilhar suas aventuras certamente dariam um excelente roteiro cinematográfico. Curiosamente, Sena é um cinéfilo meticoloso: possui centenas de filmes catalogados em sua coleção, bem como uma sala de projeção em sua residência, a qual habilmente construiu e na qual seus convidados podem desfrutar de raridades por ele adquiridas, acompanhados com uma boa taça de vinho. Ali, com uma lanterna mágica² que serve de placa de entrada de seu Cine Globo, com as poltronas originais do extinto Cinema Cacique, de Porto Alegre, e um gongo de “três toques”, tradicional dos cinemas antigos, também original e obtido num antiquário, é possível sentir essa substância especial que anima suas histórias. Sena e sua esposa, Reneidi Mezeck de Sena, que é também sua colega de trabalho, são anfitriões que não medem esforços para agradarem aos visitantes do cinema – e também do museu que abriga os bonecos da companhia – que possuem em sua residência. Os bonecos guardam a memória de uma época em que o Teatro de Bonecos se difundiu por todo o País, impulsionado também pelo desenvolvimento da televisão, e

¹ As peças foram escritas por Aníbal Damasceno Ferreira, Antônio Carlos de Sena, Marco Aurélio Garcia e Nelson Menda, entre outros.

(Fonte: <http://www.timmarionetes.com.br> – acesso em 25/9/2014).

² A lanterna mágica é o antecessor dos aparelhos de projeção modernos. Inventada no século XVII, era constituída por uma câmara escura com um jogo de lentes. Por meio de um condensador, deixava passar a luz da lâmpada de azeite através de uma placa de vidro pintada com desenhos até um lenço que servia de suporte para a projeção. Com isso, era feita a ilusão de movimento através da movimentação dos vidros.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org> – acesso em 25/9/2014).

na qual os artistas começaram a se mobilizar em associações, motivados pela qualificação e pelo reconhecimento profissional.

Outros dados e curiosidades sobre o artista também merecem ser citados: Sena é museólogo, tendo dirigido durante anos o Departamento de Divulgação do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre; é diretor teatral formado em Artes Cênicas pelo Departamento de Artes Dramáticas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em 1962, na terceira turma; foi um dos descobridores dos textos de Qorpo-Santo³ e o primeiro diretor a montar um de seus textos⁴, encenados no antigo Teatro do Clube de Cultura, em Porto Alegre; exerceu por duas gestões a presidência da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB (1990 a 1993) e da Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos – AGTB (1987 a 1990), da qual é também um dos fundadores; foi coordenador do Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Caxias do Sul, em 1988, e do Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Canela desde o início, em 1989, até a sua décima primeira edição; foi o primeiro diretor do Instituto Estadual de Cinema do Rio Grande do Sul – IECINE (1986 a 1995); é ex-navegador e... Ex-hipnotizador profissional!

Para narrar fragmentos dessa história de vida, entremeada com a sociopolítica e a arte do conturbado período da história brasileira das décadas de 1960 e 1970, seguido da emergência dos movimentos artísticos e associativos no Teatro de Bonecos das décadas de 1980 e 1990, opto por trazer a narrativa oral do pró-

³ José Joaquim de Campos Leão (1829–1883), o Qorpo-Santo, foi um autor gaúcho que escreveu sua obra no século XIX, mas seus textos só foram encenados a partir da década de 1960. É considerado por boa parte da crítica teatral brasileira como o precursor do Teatro do Absurdo. (Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8151/Qorpo-Santo> – acesso em 12/10/2014).

⁴ Os textos de Qorpo Santo eram desconhecidos até então. Foram difundidos por um grupo de estudantes, entre eles Antônio Carlos Sena e Aníbal Damasceno Ferreira (1983–2013). Aníbal, desde 1978 até sua morte, atuou como professor de Cinema da PUC/RS. (Fonte: http://www.pucrs.br/revista/extras/0169_extras.htm#reportagem_exclusiva-anibal_damasceno – acesso em 12/10/2014).

prio artista. Através de seu discurso, desenvolvo uma metodologia qualitativa de pesquisa, tentando apresentar outras dimensões ao debate historiográfico através da voz de quem testemunhou os acontecimentos. Assim, apoio-me em suas memórias para mapear contextos que alicerçaram as bases de nosso presente. Memória não é apenas passado, é construção dinâmica do presente, que reafirma nossa posição no espaço-tempo. Com a palavra, então, senhoras e senhores, respeitável público: Antônio Carlos de Sena!

...

— Bom, eu tinha treze anos de idade, e minha mãe era, como se dizia, professora de Desenho de um grupo escolar. Um colégio de Curso Primário, para crianças. Na verdade, Odila Cardoso de Sena era uma artista plástica, formada pelo antigo Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Uma tarde, em sua escola, ela recebeu a visita de umas senhoras que foram lá ensinar e falar sobre Teatro de Bonecos. Não eram bonequeiras. Eram as chamadas “orientadoras”, que transmitiam aos professores atividades extras que poderiam ser desenvolvidas nas salas de aula. Nesse dia, mostraram como funcionavam os bonecos de fio, as marionetes. Minha mãe já havia assistido em Porto Alegre, junto comigo, a uma apresentação do famoso grupo italiano *Piccoli di Podrecca*. Na ocasião, ficou maravilhada. E também acabou impressionada com o que lhe foi mostrado pelas orientadoras. Resolveu, então, criar suas próprias marionetes!

Ela era autodidata, por isso, seus primeiros bonecos eram simples, poucos e pequenos. Foram feitos para seus alunos brincarem na sala de aula e para divertirem seus filhos e os filhos dos vizinhos. Nós éramos cinco irmãos e logo, com alguns amigos, fizemos uma primeira apresentação em 1954, numa festa de aniversário, perto de nossa casa. Mais adiante, minha mãe inventou de escrever uma peça que se chamava *O sonho de Paulinho*. Era a história de um menino que, fugindo de casa, queria viajar pelo Brasil e conhecer as manifestações de folclore do País inteiro. Vários números musicais foram incluídos no texto e apresentados já com bonecos maiores.

Além de construir os bonecos, minha mãe criava os figurinos, sapatos, chapéus... Mas nunca manipulou, em cena, as suas marionetes.

Depois da primeira apresentação dessa peça, feita num clube, começamos a fazer muitas outras, em festas de aniversário, escolas e em sedes de associações. Meus irmãos, alguns vizinhos e amigos, então, já formávamos o grupo que minha mãe havia batizado de Tim – Teatro Infantil de Marionetes. E eu já era o diretor da trupe. Nós éramos muitas pessoas nas apresentações, pois não tínhamos gravador de som e, além dos manipuladores, precisávamos de vozes.

Em 1959, resolvemos dar um passo maior e fazer nossa primeira apresentação profissional com ingressos pagos. Marcamos uma apresentação no Cine Oásis⁵, um cinema de quatrocentos lugares que ficava próximo de minha casa. Por incrível que pareça, eu, com a idade de doze anos, havia sido operador desse cinema, e todos nós do grupo éramos amigos do filho do proprietário. Com essa programação no Oásis, ganhamos a primeira reportagem sobre o TIM. Foi quase uma página inteira no jornal *Folha da Tarde*.

Depois disso, resolvemos pegar a renda da bilheteria, que não foi pouca, junto com algumas colaborações de parentes, e irmos para São Paulo. Uma coragem naquela época! Só quatro rapazes do grupo viajaram: eu era um deles e já tinha dezoito anos, mais ou menos a mesma idade dos outros.

Chegamos sem nada agendado. Um de nós tinha um primo em São Paulo, e ficamos hospedados na casa dele. Esse primo tinha um outro primo, de mais idade, que era produtor da TV Tupi, a única emissora de televisão de São Paulo e a segunda do Brasil. Ele resolveu nos agenciar e conseguiu duas semanas inteiras no Teatro das Bandeiras, um teatro que já não existe mais e que ficava no centro da cidade. Além disso, ele arranjou muitas inserções de nosso grupo na televisão.

Com a divulgação pela televisão, tivemos, todos os dias, uma bilheteria ótima e chegamos ao ponto de sermos reconhecidos

⁵ Antigo cinema de bairro de Porto Alegre/RS. Inaugurado em 27/2/1953, localizado na esquina das Ruas Nunes Machado e Barão do Triunfo, no bairro Menino Deus. (Fonte: <http://cinemaspoa.blogspot.com.br>, acesso em 25/9/2014)

na rua, por incrível que pareça. Nós éramos os artistas do TIM: “Os quatro estudantes sulinos”!

As vozes das marionetes eram feitas por nós e por três meninas, amigas do primo de São Paulo. Uma curiosidade em relação à televisão é que eu não a conhecia funcionando. A TV Piratini ainda não tinha sido inaugurada em Porto Alegre. Lá, na Tupi, é que fui conhecer uma imagem de televisão, no interior de um estúdio... E, ainda por cima, sendo entrevistado!

Quando resolvemos ir para São Paulo, não tínhamos dinheiro para as passagens, mas conseguimos com a empresa aérea Varig uma coisa que era chamada de “grátis cortesia”, que era o seguinte: se tivesse lugar sobrando no avião que iria partir, a gente viajava gratuitamente. Se não, tínhamos que esperar algum outro avião que chegasse com vagas. Mas foi tudo bem.

Voltamos para casa e começamos a fazer apresentações em



Grupo TIM. Estúdio da TV Piratini, de Porto Alegre (1960). De pé, da esquerda para a direita: Jorge Palma, Mecenias Marcos (diretor de imagens da TV Piratini), Márion Kurth, Marco Aurélio Garcia, Elgin Kurth, Irene Maria de Sena, Luiz Carlos Rolla, Nelson Menda. Sentados: Paulo de Sena, Machado Filho (caracterizado como o Gigante) e Antônio Carlos de Sena. Com exceção de Mecenias, todos são do elenco do TIM, manipuladores ou atores (vozes e o gigante). Fotógrafo não identificado.

clubes e teatros da capital e do interior, algumas com renda obtida por bilheteria, e outras, patrocinadas.

No final de 1959, foi inaugurada a TV Piratini de Porto Alegre. Fomos lá e levamos cópias de algumas reportagens de televisão feitas em São Paulo. Todas em filme dezesseis milímetros, preto e branco, pois ainda não existia o videoteipe, e tudo era registrado em filme. Foi imediata a aceitação do TIM por diretores e programadores da Piratini, e o nosso grupo logo começou a se apresentar. Tudo ao vivo.

O início foi terrível. Tínhamos que escrever e apresentar duas peças por semana num programa que levava o nome do TIM. Nos dois horários da semana, apresentávamos uma nova pequena peça que durava, mais ou menos, vinte minutos.

Logo vimos que era muito difícil mantermos esse ritmo. Além de “bolar” a peça, tínhamos que escrever um roteiro de televisão e ensaiar em casa. Nenhum boneco foi construído especialmente para a televisão. Minha mãe tinha uma trabalhadora incrível: às vezes, tinha que mudar a roupa de bonecos já existentes ou trocar adereços para transformar algumas das marionetes em novas personagens de determinado programa. O pessoal da televisão não dava muita importância aos ensaios no estúdio e colocavam os programas no ar quase diretamente.

Nosso elenco ainda era formado pelo pessoal da minha zona, irmãs, amigos e vizinhos. Nós éramos “gurizada”. Não tinha ninguém que fosse ator ou atriz profissional. Apesar disso, o nosso programa semanal foi um sucesso. No entanto, a gente logo percebeu que era impossível continuar a produzir duas peças e passamos a apresentar uma por semana, sempre ao vivo. Imaginem os acidentes que aconteciam!

Produzimos e apresentamos oitenta programas, cada um com uma pecinha nova. Fazia parte do nosso elenco o Marco Aurélio García, que foi assessor para Assuntos Internacionais do Presidente Lula (2003–2010) e agora está no governo Dilma (2011–2014), e que era meu amigo e vizinho.

Uma vez, quase fomos demitidos. O caso foi que, aproveitando uma semana em que eu tinha viajado, o Marco Aurélio assumiu a direção do programa na televisão e, quando os estadunidenses

tentaram invadir a Baía de Porcos, em Cuba, ele resolveu escrever e produzir uma peça na qual o enredo acontecia na ilha de Fidel Castro. Alguns bonecos receberam barbas de lã preta, transformando-se em heróis cubanos e encenaram a expulsão dos *mariners* dos Estados Unidos da baía. Na peça, o maior inimigo dos cubanos era o Rei Dólar. Coitado do rei... Originalmente, o boneco era o pai da Bela Adormecida e agora se transformava num terrível vilão. O nosso pirata passou a ser o Fulgencio Batista⁶.

O programa se transformou num escândalo. Durante a transmissão, os produtores não sabiam o que fazer, pois não haviam lido o roteiro antecipadamente! Não sabiam se tiravam a emissora do ar ou não, porque, afinal, de qualquer jeito, seria uma atitude forte, um posicionamento político. Moral da história: o programa foi inteiro ao ar, mas o TIM quase foi demitido. Mas conseguimos ir adiante.

Só saímos da televisão quando resolvemos tomar conta de uma janela da Rua da Praia⁷ e improvisar pequenas peças a favor da Legalidade do Brizola⁸. A janela dava diretamente para a rua. Nosso grupo atuava no primeiro andar. Em baixo, no térreo, ficava um comitê organizado para arregimentar voluntários de uma possível luta e, por isso, recebiam revólveres vindos do Palácio Piratini⁹. Imaginem que, para nós, lá em cima, também foram oferecidas armas, que não aceitamos. Em nosso palco-janela, todas as peças eram improvisadas, e na rua o público era uma multidão. O Brizola

⁶ Ditador cubano deposto e exilado por Fidel Castro na Revolução de 1959.

⁷ Sena se refere à mais conhecida rua do centro de Porto Alegre, a Rua dos Andradas, por onde circula uma multidão de pedestres. É na Rua da Praia, esquina com a Av. Borges de Medeiros, que está o ponto também conhecido como "esquina democrática", nome dado por ser, historicamente, um local de manifestações políticas e intervenções artísticas.

⁸ A crise que se sucedeu à renúncia de Jânio Quadros, em 1961, levou o então governador gaúcho, Leonel Brizola, a liderar a *Campanha da Legalidade*, mobilização que pretendia garantir a posse do vice, João Goulart. Difundida pelo rádio e com forte participação popular, a campanha adiou um golpe militar até 1964. (Texto retirado do site: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/46122-barricadas-radiofonicas-brizola-e-os-50-anos-da-campanha-da-legalidade> - acesso em 12/10/2014).

⁹ Sede do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

era o gaúcho herói, representado por um boneco do TIM que, em alguns espetáculos do grupo, dançava músicas do folclore do Rio Grande do Sul. O pai da Bela Adormecida voltou a personalizar o famigerado Rei Dólar. Nós, bonequeiros, nos revezávamos na manipulação das marionetes, pois o comitê funcionava dia e noite. Foi uma experiência impactante. Ficamos quase duas semanas por lá.

Uma outra coisa curiosa: ao mesmo tempo em que eu fazia parte do TIM, num determinado período fui trabalhar com outro grupo chamado Teatro Porto-Alegrense de Fantoches. Como se percebe pelo nome, era apresentado por bonecos de luva (fantoches). Foi muito bom participar dessa equipe. Os bonecos foram criados por um renomado artista plástico: Glênio Biachetti. O elenco contava com atores hoje famosos, tais como Paulo José e Paulo César Pereio. O teatro era um sucesso na cidade e, por longo tempo, apresentou seus espetáculos aos finais de semana. Eu comecei operando som e luz, mas acabei manipulando bonecos e até escrevi uma peça, intitulada *O burro falante* (1959), que foi muito bem montada pelo grupo e estreou no Auditório do Instituto de Artes, em Porto Alegre. Então, como se vê, eu andei trabalhando até para a concorrência! (*risos*)

De 1967 a 1970, depois que acabou a participação do TIM na TV Piratini, o mestre-de-cerimônias de nossos espetáculos passou a apresentar diariamente a programação infantil da tarde na TV Gaúcha, uma emissora da RBS TV. Isto fez com que ele, o palhaço Pirulito¹⁰, ficasse muito famoso entre o público televisivo de todo o Rio Grande do Sul. Foi um período em que encontramos muita facilidade para sermos contratados por prefeituras, clubes e feiras do interior. Depois, por muito tempo, produzimos grandes temporadas em Porto Alegre, aos fins de semana: no Theatro São Pedro, no Clube Leopoldina, no Teatro de Câmara e no Clube de Cultura, entre outros. Tudo por bilheteria e com um bom público.

As apresentações fora da televisão eram constituídas, e são até hoje, por uma ou duas das pequenas peças e “números de variedade” criados

¹⁰ Marionete manipulada por Antônio Carlos de Sena.

por minha mãe ou por mim: o frevo, o can-can, o pianista e a cantora e a dança cigana, além de outros. Uma coisa bem de acordo com a tradição mundial dos bonecos de fios. Eu sou bastante organizado: tenho um diário com tudo, todos os registros das apresentações, com locais, programas, nomes dos participantes, número de espectadores, valores... São mais de mil apresentações que eu tenho registradas, uma a uma! As vozes de nossas peças são gravadas, mas o Pirulito continua conversando diretamente com a plateia. Fora ele, tudo é gravado.

E continuamos trabalhando... Não tanto quanto nessa época de ouro descrita acima, mas vamos bem. Atualmente, somos cinco pessoas no elenco: minha mulher, Reneldi Mezeck de Sena, minha filha, Inês Mezeck de Sena, meu irmão, Fernando de Sena, eu e também o Murilo, meu neto de treze anos, que já está fazendo som e luz¹¹. Meu filho, Cacá Sena, começou também no TIM, ainda muito criança. Hoje, ele cria, dirige e apresenta espetáculos próprios, montados através de várias técnicas e estilos.

Lá por 1970, o TIM começou a ser convidado para festivais. Primeiro, no Rio Janeiro, promovidos pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, entidade fundada e dirigida por Clorys Daly, Cláudio Ferreira e outros bonequeiros. Participamos, depois, de festivais em Curitiba, São Paulo, Recife e Brasília. Fora do Brasil, o grupo foi ao Uruguai, Portugal, Espanha e França. Nesta época de grandes festivais realizados no Brasil, aconteceu no Sul a “descoberta” dos mamulengueiros, o teatro popular e tradicional do Nordeste. Quase vinte anos depois, em minhas gestões como presidente da ABTB, junto com a vice, minha amiga e mestre Magda Modesto (1926–2011)¹², a coisa que mais prezei foi ter colaborado para o reconhecimento dado ao

¹¹ Também já participavam do grupo como manipuladores: Paulo de Sena, José Luiz de Sena e Irene Maria.

¹² Autodidata, Magda Modesto dedicou seus 86 anos de existência ao engrandecimento do teatro de animação, nas suas mais variadas correntes e técnicas. A pesquisadora foi fundamental no esforço coletivo para que esta expressão artística ocupasse um lugar de respeito, dentro e fora do Brasil, e fosse reconhecida como expressão da cultura brasileira. (Texto retirado do site: <http://www.funarte.gov.br/evento/magda-modesto-1926-%e2%80%932011-uma-vida-para-o-teatro-de-animacao/#ixzz3FyK2SQrc> – acesso em 12/10/2014).

Teatro de Mamulengo e a seus geniais artistas. Por iniciativa de nossa Associação, eles receberam cartas de recomendação, documentos, carteira de trabalho e foram trazidos para festivais em outros Estados. Havia aquela história de que eles, em suas cidades, eram explorados pela polícia, pelos fiscais das prefeituras e tudo isso. Junto com governos estaduais lá do Nordeste, a gente fez muita coisa. Foi um trabalho muito legal. Houve, também, outro movimento que sustentamos na ABTB: a desmistificação da ideia arraigada de que o Teatro de Bonecos era feito só para crianças. No Brasil, em vários Estados, já existiam grupos, diretores e autores criando espetáculos de alta qualidade para adultos. Como já falei, nosso grupo havia sido batizado de TIM – Teatro Infantil de Marionetes, mas, por causa desse movimento, alteramos o seu nome. Mantivemos a sigla, que já era conhecida, e ele passou a se chamar somente TIM – Teatro de Marionetes.

Há algum tempo, havia aqui, no Rio Grande do Sul, vinte e duas companhias profissionais, trabalhando para todos os públicos e com bonecos de todas as técnicas. Foi uma coisa impressionante e aconteceu meio que de repente. Claro que se deve muito desse fenômeno à criação da Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos – AGTB e também, muito especialmente, ao Festival de Canela¹³, que foi criado pelos bonequeiros de nossa entidade gaúcha e, depois, continuado em conjunto com o pessoal da prefeitura de Canela. Eu tive o prazer de estar na coordenação do evento nas suas primeiras onze edições.

Se a gente vir os registros dos grupos que participaram do Festival de Canela, é impressionante notar a variedade e a qualidade dos espetáculos que vinham para cá. O Festival ficou muito famoso e despertava em grupos conceituados a vontade de vir para o Brasil. O nosso evento apresentava amplos espaços de encontro, troca de experiências e de discussão. Havia também lugar para festas, e o

¹³ O Festival Internacional de Teatro de Bonecos surgiu em parceria da AGTB, Fundação Cultural e Prefeitura de Canela nos anos 1980 e, na sua primeira década, foi um aglutinador de profissionais da arte, servindo como espaço de trocas de experiências e informações/formação de inúmeros artistas. Dessa forma, influenciou a criação de inúmeros grupos de teatro de bonecos no Rio Grande do Sul.

público da cidade era maravilhoso.

Na verdade, a ideia do Festival surgiu em Caxias do Sul em 1988, a partir de um desejo da AGTB. E na cidade aconteceu, de fato, um festival relativamente pequeno, se comparado aos que se seguiram em Canela. Mas foi um sucesso. No ano seguinte, queríamos repetir o Festival em Caxias, mas o prefeito terminou o seu mandato, e o novo não quis saber de repetir o evento. Assim que, como Canela já tinha um festival de teatro, oferecemos à cidade também o nosso. A aceitação foi imediata. Hoje, quem organiza as edições do Festival de Canela são somente entidades locais e a prefeitura do município. Os organizadores atuais, é claro, não possuem o conhecimento que os bonequeiros têm de sua arte, nem as mesmas relações internacionais que nossas entidades mantêm com os grupos de outros países. Canela me parece um pouco perdida em termos de curadoria do Festival. Muitos espetáculos se repetem ano a ano. Por exemplo, o Jordi Bertran, que é ótimo, e Hugo e Inês também, têm retornado inúmeras vezes com os mesmos trabalhos, depois que nos afastamos. Quando nós, da AGTB, organizávamos a programação, os espetáculos não se repetiam. Eram critérios de seleção o ineditismo e a qualidade das produções dos grupos estrangeiros e brasileiros. Isso causava um interesse maior para o público e para nós, bonequeiros, que íamos curtir os maravilhosos espetáculos que chegavam.

Eu era criança quando entrei nesse mundo dos bonecos. Mas desde antes já vivia a experiência de ter um cinema em casa. Com apenas sete anos de idade, ganhei um projetor e inventava sessões para a vizinhança toda. Gostava muito, e gosto, do cinema de animação e das comédias do Chaplin. Hoje, tenho uma coleção inteira dos filmes dele, além de quatrocentos e tantos curtas-metragens da Disney, tudo em DVD. Já o Walt Disney foi uma pessoa que eu nunca admirei, por questões políticas, mas em suas empresas ele tinha uma fantástica equipe de animadores. Os curtas da Disney são maravilhosos, ou pelo menos oitenta por cento deles.

Há uma aproximação que se pode fazer entre o Teatro de Bonecos e o cinema de animação. Com o Chaplin também, sem

dúvida. Ele foi um mímico genial. Os movimentos de seu corpo não procuram reproduzir exatamente a maneira de se movimentar do ser humano normal... Ou de um ator de carne e osso. De certa maneira, assim como Chaplin, também se movem e vivem as personagens dos filmes de animação.

Viver esses dois mundos de seres que existem em outra dimensão não foi escolha pessoal. Simplesmente, essas maravilhas aconteceram em minha infância. Que sorte!

O nosso grupo nasceu na casa onde eu morava quando tinha treze anos de idade. Depois disso, nunca mais me afastei das marionetes. O TIM está completando sessenta anos! A data de seu aniversário é 25 de setembro de 2014. Não se tem, agora, como modificar a cara e o jeito do grupo. Eu o comparo a um prédio antigo, tombado como patrimônio. Suponho que seja o grupo mais antigo, em atividade, da América Latina inteira. Assim, não me vejo no direito de mudar o que foi feito nesses anos todos. Em termos de experimentação, seria possível, por exemplo, criar e montar textos novos. No entanto, modificar a aparência dos bonecos ou trocar a técnica de manipulação não seria mais aceitável. Nem para mim nem para todos os que estão ligados ao TIM – Teatro de Marionetes.

(Caiopano, fim)

...

O depoimento de Antônio Carlos de Sena colabora para recuperar a história do Teatro de Bonecos no Brasil, que começa a ser escrita. Aprofundar esse tipo de pesquisa dentro dos espaços universitários (e extra-acadêmicos também) significa valorizar a importância dessa arte e de todos aqueles que dedicaram vidas inteiras pelo seu desenvolvimento e reconhecimento, à luz de um rigor investigativo. Sabemos que o Teatro de Bonecos, hoje, apresenta-se multifacetado. Em proposições mais arrojadas, muitas vezes é até difícil de definir se existe ainda a delimitação do que é o Teatro de Bonecos. Teatro de Animação, numa concepção mais ampla, envolve recursos que caracterizam essa expressão artística que dialoga com outros campos. Numa época de possibilidades e incertezas quanto às especificida-

des da linguagem, contatar com o posicionamento de um diretor especializado em Teatro de Marionetes, oriundo e mantenedor de uma tradição familiar, é como abrir as janelas da casa para ventilar. Quero acreditar que a busca pelo novo, numa perspectiva holística e sustentável, significa se aproximar das fontes e lançar um olhar diferenciado sobre certas práticas e posicionamentos. Sob essa ótica, contemporâneo e tradicional se fundem, passado e presente se mesclam, memórias e ações concretas constroem, juntas, a realidade cotidiana. E de todas as qualidades que o Teatro de Animação possui, a que mais apaixonava é certamente seu dom de transformar e subverter o modo como percebemos o espaço em que habitamos.

REFERÊNCIAS

- TIBURSKI, João Carlos (ed.). Continente Sul Sur: a magia dos bonecos. *Revista do Instituto Estadual do Livro*, nº 5. Porto Alegre, outubro de 1997.
- A História das Salas de Cinema de Porto Alegre*. 2007. Disponível em: <http://cinemaspoa.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 de setembro de 2014.
- TIM – Teatro de Marionetes*. Disponível em: <http://www.timmarionetes.com.br>. Acesso em 25/9/2014
- <http://pt.wikipedia.org> – acesso em 25/9/2014
- http://www.pucrs.br/revista/extras/0169_extras.htm#reportagem_exclusiva-anibal_damasceno – acesso em 12/10/2014
- <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8151/Qorpo-Santo> – acesso em 12/10/2014
- <http://www.funarte.gov.br/evento/magda-modesto-1926-%e2%80%93-2011-uma-vida-para-o-teatro-de-animacao/#ixzz3FyK2SQrc> – acesso em 12/10/2014
- <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/46122-barricadas-radiofonicas-brizola-e-os-50-anos-da-campanha-da-legalidade> – acesso em 12/10/2014